

## ESQUINAS DA/NA LÍNGUA: DISCURSO URBANO EM JORNAIS DO SÉCULO XIX

Edilberto Vinícius Brito<sup>1</sup>

### Introdução

Esquinas dão uma forma material à cidade, forma concreta com a qual se pretende organizar o urbano, por um lado, e forma material que textualiza, que simboliza a cidade em construções com 'esquina' e 'rua' na língua. Frente a isso, me coloco esta questão: como há 200 anos a imprensa proto/luso-brasileira formulava a esquina e a rua em suas páginas? Analiso, a partir daí, como o espaço urbano foi formulado por jornais do século XIX com o objetivo de compreender o discurso urbano em relativas com 'esquina' e 'rua' naquele período, isto é, com expressões do tipo "esquina da rua x que volta/vai/sai/vira para/na rua y" e "rua x que faz esquina com rua y", que produzem efeitos de sentidos e deixam um lastro para investigação sobre a forma de significar a cidade em condições amplas e específicas.

Investigo o funcionamento de *esquina* e *rua* em construções relativas lançando mão da ideia de que o urbano vem se sobrepor à cidade (metrópole capitalista), movimento que se dá pelo discurso do urbanista, segundo Orlandi (2001). Por esse viés, a cidade nomina com alguma unidade o "conjunto urbano" enquanto o urbano se constrói em uma oposição, referindo-se (a) ao que não é rural e (b) àquilo "que tem as qualidades da cidade", em particular 'polido, de bom tom" (ORLANDI, 2003, p. 50). Há, na passagem das definições em (a) e (b), o par polis/cidade e urbano/polir, o que vem a calhar com a distinção entre ordem e organização. A primeira está ao passo do real da cidade e a segunda se inscreve em um processo disciplinar urbanístico. Na tentativa de organizar a cidade, o urbanista acaba por abafá-la, contê-la, dispô-la em um plano cartesiano e, nos termos de Orlandi (2001, p. 13), esse discurso do urbanista também se relaciona com os discursos ordinário e administrativo.

Para não resultar anacrônico, recorto o verbete "Esquina" em três dicionários do final do século XVIII e início do XIX, o "Vocabulario portuguez & latino" de Raphael Bluteau (1728, p. 295, grifos do autor), o "Diccionario da Lingua Brasileira" de Luiz Maria da Silva Pinto (1832, p. 59) e o "Diccionario da lingua portugueza" de Antonio de Moraes Silva (1789, p. 767), na mesma ordem: "O angulo exterior, & direito, que resulta da união de duas paredes. *Angulus exterior*. Vid. Quina. Deu com a testa hum grande encontro na *Esquina*"; "Esquina, s. f. Canto da rua"; e "ESQUINA, s. f. Canto, angulo de rua, ou edificio". Funciona, nessa dicionarização de *esquina*, um discurso ordinário, à procura de uma matemática da cidade (*angulo exterior, & direito; angulo de rua*). Os sentidos dicionarizados guardam uma relação com o que escrevem, séculos mais tarde, Albernaz e Lima (1998, p. 238) no "Dicionário ilustrado de arquitetura", no qual *esquina*

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela mesma Universidade (2019).

é o “ponto de encontro entre duas ruas concorrentes” e, ainda, o “ângulo externo formado por duas superfícies que se encontram, principalmente de paredes ou muros. Mais frequentemente é chamada aresta ou quina”. Haveria, aí, o entrelaçamento do discurso do urbanismo com o ordinário, dicionarizado.

Mas o discurso do urbanista funciona, ainda, no administrativo quando as ruas e as esquinas organizam a cidade. Para uma primeira mirada, trago este recorte publicado no *Diário de Pernambuco* (1882, p. 1), na Seção das Construções da Lei N 1.691 aprovada pela Assembleia Legislativa Provincial em 1882: “Todas as casas de esquina que seguirem por outras ruas, terão duas frentes, uma para cada rua”. Analiso, ainda que ligeiramente, que o quantificador *Todas* produz um efeito de conjunto na formulação, em uma pretendida unificação urbana por meio da política pública, legislativa.

O corpus, avançando, também significa pelas condições de produção específicas do discurso urbano em jornais. A imprensa brasileira oitocentista, chamada opinativa ou de partido (SOUSA, 2006), era regulada pela corte portuguesa, a quem cabia a decisão sobre o que publicar ou censurar. Penso que, se a mídia atual se vale de um medidor de audiência como o Ibope para dizer ou calar informações (ORLANDI, 1996), estampar ou derrubar manchetes, os jornais do século XIX significavam o urbano pelo silenciamento, na margem da censura real. Pela instrumentalização da língua nas práticas discursivas jornalísticas (TELMA, 2001), as publicações se voltavam em suma para o serviço e o comércio — e muitas vezes dedicadas exclusivamente aos comerciantes, como está formulado na primeira edição do *Jornal do Commercio*. Decerto, a *esquina* e a *rua* nos diz da investida em organização do espaço urbano em um século de intensa urbanização e institucionalização da imprensa. Lado a lado. Não seria, no entanto, esse processo discursivo infalível.

### **Dispositivo teórico-metodológico**

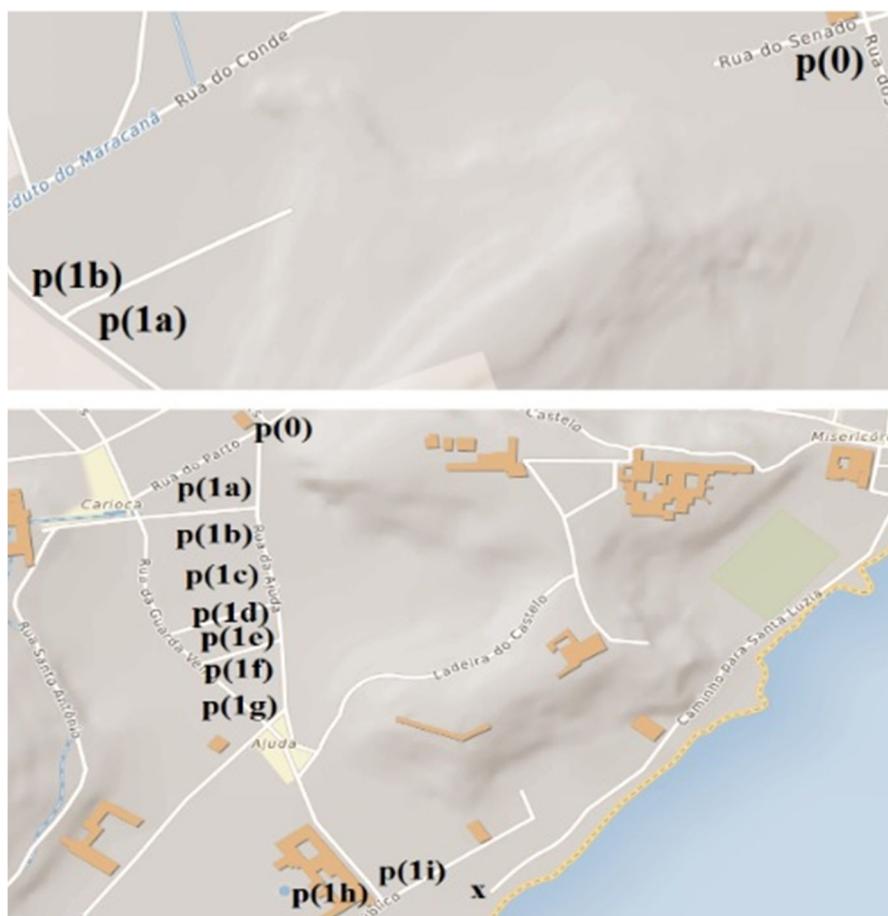
Desenvolvo o trabalho prática e teoricamente na Análise do Discurso pecheutiana, método que pretende interpretar efeitos de sentidos no espaço urbano enquanto sítio de significação na história e no sujeito pela língua, citando Orlandi (2001). Com gestos de interpretação no arquivo (PÊCHEUX, 1997), notei a repetição de construções relativas com ‘esquina’ e ‘rua’ nos anúncios da época, despertando-me para funcionamentos do discurso urbano. O corpus foi composto por publicações de *Gazeta do Rio de Janeiro*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco*, de 1820 a 1880.

### **Análises e discussão**

Analiso a Sd1 (“venda na esquina da rua nova do Senado, que volta para a estrada de Matta cavallos” [GAZETA..., 1821, p. 4]) e Sd2 (“dirija-se a rua da Ajuda, esquina que vai para Santa Luzia a fallar com João da Cruz” [DIÁRIO..., 1824, p. 2]). Percebo sintaxe prescrita, construções com marcas de imperativo verbal (dirija-se) e uma oração principal e outra adjungida na qual se distingue na deixis alguma topografia. Mas uma análise acurada esbarra em um “problema” para quem busca uma “terapêutica da

linguagem” (PÉCHEUX, 1997, 2011) na semântica universalizante: as relativas não precisam linguisticamente o caminho a ser percorrido entre esquinas e ruas, especialmente quanto à Sd2, cuja formulação ‘esquina que vai para Santa Luzia’ se refere a nove pontos na cidade. Falta às construções relativas a indicação da esquina-chegada pela dêixis discursiva, manifesta no "universo de sentido que uma formação discursiva constrói” (MAINGUENEAU, 1997, p. 41). Como analista do discurso, ressalto, então, que os jornais do século XIX, mergulhados em um imaginário sobre o jornalismo enquanto comunicação, simbolizavam a cidade sem “saturar” a topografia na deixis discursiva e, mais importante, funcionando pelo “não está” da/na língua, frente à percepção imediata (PÉCHEUX, 1990, p. 8).

**Figura 1** – Colagem da cartografia oitocentista do Rio de Janeiro e possíveis esquinas



Fonte: ImagineRio e Edilberto Vinícius Brito

### Considerações finais

O espaço urbano tenta organizar sentidos, mas há algo na materialidade mesma da língua e da cidade que vem perturbar, na história, essa lógica numérica e pretenciosamente universalizante. Com a análise do discurso urbano na imprensa do século XIX, observei um “problema” para uma semântica da “terapêutica da linguagem”, uma vez que relativas em circulação com ‘esquina’ e ‘rua’ não formulavam com

precisão o caminho a ser percorrido na cidade. Jornais dos oitocentos não “saturavam” a topografia na deixis discursiva, funcionando pela falta, apesar de haver numeração padronizada nos edifícios do Rio de Janeiro e do Recife à época. A imprecisão nas Sds irrompe pelo real da língua mesmo, pois se esquina é o canto produzido por duas ou mais ruas, seria lógico que se significasse não apenas com o odônimo, mas também com o número do prédio. A linguagem, é preciso lembrar, serve para comunicar e não comunicar.

## REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. *Dicionário ilustrado de arquitetura* - volume 1 - A a I. 1a reimpressão. São Paulo: ProEditores, 1998.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.
- GAZETA do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ed. 00015, 1821, p. 4.
- DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ed. 0400017, 1824, p. 2.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes/ Editora da UNICAMP, 1997.
- ORLANDI, E. P. Polisêmico. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas: Pontes, 2003. p. 224
- ORLANDI, E. P. Traços e troços: o flagrante urbano. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. Delimitações inversões, deslocamentos. Trad. José H. Nunes. *Cadernos de Estudos lingüísticos*, Campinas, n. 19, 1990.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. et al. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Tradução de Bethania S. C. Mariani et. al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira* por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832.
- TELMA, D. da S. Mídia e imagem urbana: tecnologia no discurso jornalístico. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001.
- SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portugueza* - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa, 2006.